

MELHORIA NA DISTRIBUIÇÃO

FGV aponta que renda de pobres subiu 14%

Rio - Os pobres brasileiros estão experimentando um crescimento de renda, como se vivessem na China ou Índia, economias que se expandem perto de 10% ao ano. Pelas contas do chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o economista Marcelo Neri, divulgadas ontem, a melhoria na distribuição de renda tem afastado os mais pobres da miséria até mesmo nos momentos de estagnação econômica como o que o País viveu em 2003.

Em 2004, ano bom para toda a população: enquanto a renda "per capita" (usando os números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/IBGE) cresceu 3,56%, para os mais pobres, a alta chegou a 14,1%: — Criamos um modelo que consegue medir os efeitos da distribuição na renda dos mais pobres. A queda da desigualdade em 2004 respondeu por 74% desse ganho de bem-estar — explicou Neri, que fez o estudo com os economistas do Centro Internacional da Pobreza da ONU no Brasil, Nanak Kakwani e Hyun H. Son.

"Nunca se viu queda de desigualdade tão intensa em pouco tempo como aconteceu no Brasil", disse Kakwani. Em 2004, a maior contribuição para deixar os brasileiros mais próximos veio do mercado de trabalho.

O aumento de escolaridade, quedas nas jornadas e outros avanços melhoraram a distribuição de renda. Essa equação se inverte quando se observa um período maior, por exemplo de 2001 a 2004. A renda "per capita" caiu 1,35% na média anual, porém, os mais pobres ganharam 3,07%. E o efeito da redistribuição veio das transferências do governo.

TRABALHO - No mesmo estudo que constatou avanço contínuo da redistribuição de renda, principalmente de 2001 a 2004, no menor patamar de desigualdade desde a década de 60, também mostrou que o ritmo no caminho da igualdade de renda diminuiu em 2005. Pelo menos no mercado de trabalho. Segundo Marcelo Neri, o salário-mínimo exerceu pouca influência na redução da desigualdade entre os trabalhadores. Efeito bastante significativo até 2004: "Mesmo com aumento de 9% no mínimo, a desigualdade caiu pouco entre maio e outubro de 2005, mostrando que esse efeito se esgotou entre os trabalhadores. Já alcançou o seu máximo", disse Neri.